

*e lá comuns praticávamos amores*

isadora machado

*a palavr'incertitude, a palavra diarma, ruído,  
arsenal sonoro contra a noite desse silêncio imposto.  
o ritmo – eternamente refeito a partir d'uma única  
duração. o tempo – talvez seja preciso inventá-lo.  
édouard glissant. martinik.1928.2011*

*pra  
ler na calçada*

[...]

I

irmano-me ao que mora onde dorme  
e como a cura dos desejos,  
escuros meus

- dou a eles o que  
em mim desconhece nome  
paradeiro possível de tentativa

sabotada  
fiz um negócio vendido  
barato na mentira da vitrine

sei de tudo conquanto habito:  
disso faço palavra inflamada e  
obscura estrada

de terra mestiça  
atenta deito nas cores  
das minhas razas  
mestizas

sou conquanto daquilo conquifluo  
e pereço por donde me deito

- faço círculos e leis na areia  
da qual me despeço desenhos  
e castelos, outrora sonhados,  
hoje sabidos: a víbora  
sedenta espera

o sapo:  
cadeia da vida  
aniquilá-lo

## II

de pés descalços meço o passo por dentre  
as plantas que se desenhavam verdes enovelada  
de areia e banalidades dos homens que ali  
estiveram sozinhos

cadência e restinga  
solfejam o ritmo desse peregrinar sutil

tropeço nas crias das tartarugas  
que me comeram a placenta, gesto  
nelas calor da caminhada e bendigo  
elas que devirão tantas outras

proteger serpentes que tecem sós  
e não temem ratoeira

é que me constituem tantas coisas que  
me chamo todas elas depois de ti,  
depois de ti que me soube caminho  
deserto que me fui assim

**III**

**meu corpo tomado pelo que de ser junta-se  
 centrípeto no seio navegado pela língua  
 meu corpo febril e os pêlos que de si sabem  
 levantar-se ambíguos em leito estrangeiro**

***tomas de pesar o amuleto,*  
 alguma coisa então segue nos paradeiros da falta**

**passo as tardes tanto caminho  
 o dia Fluxo amorfo, navegam  
 meus pés, sublime restinga  
 erva nasce na areia como pequeno fossem as  
 bravuras do peito**

**alento e sina de marcha  
 delirante povos gentios que infeccionam  
 o ritmo desse peregrinar sutil**

**encontro em minha frente parede vegetal  
 refletidas, as lonjuras marítimas**

**aperto o passo,  
 tanto canto a seita**

**IV**

**desse tamanho em que me cabe a bravura  
 alenta-se ninho estranho no peito que  
 nino e entrego estado sôfrego à carência  
 dos seres cuja moralidade renega  
 minha morada no abismo**

**destina-se leito o colo que ofereço  
 e do dengo dos dias deito dormito  
 daquele cheiro que carrego presença  
 dele em minha pele rasurada**

**bulbo capilarizado é matéria que bebo  
 em meus chás e outros pecados –  
 feitiçaria ancestral  
 desde lá aceita**

nu feminino  
fosso  
ferida inversa

## V

coisa tinha de caminho nesse amuleto  
afeito de vida e sombra, lejanias da  
falta castigada, memória

ancestrais anseios disputam medida –  
no peito tênue,  
patois antigo

difícil passagem  
anda onde espreita

rezam e as lendas  
sondam memória uterina

resta corpo e febril

perde o rosto  
resto da pele

assim me assomo mais ao mundo esmo

## VI

marco o caminho na areia  
estilhaçada pela gravidez da cama,  
encarniçada de vida,  
tal qual o mangue por donde me deito  
pedra sabe retina

ouso a amplitude do corpo que é meu e me sonda memória o delírio ancestral do  
verbo

## VII

perco caminhada de silenciosa estrada atenta domínio errático  
letra extermínio sangue

busco caminho em campos de areia  
matéria que não guarda lembrança  
nem do sangue nem do visco  
nem dos estupros nem da amplidão

nesse solo  
que ora redonda  
mangue  
ora restinga

sei tal sina  
soro sutil

## VIII

a despeito do quanto  
sondo patois martiniano nesse leito  
garimpado pedra

quem seja minha nobreza genética?

[...]

---

<sup>i</sup> no original, esses são os oito primeiros poemas do tema “habitações”. in: *misantrópolis. ato ii, lejanias*.